



LIVROZINE APERIÓDICO - NÚMERO 2 - 2024

SABERES ANARCO|PUNKS E O

Faça **VOCÊ** **ME|SMX**





Amante da Heresia - Distrito Federal

Josimas Ramos - São Paulo

Morto - Ceará

Maria Helena Bonifácio - São Paulo

Lampião - Rio Grande do Sul

Jaddson Luiz Sousa Silva - Pará

Bizarro Zangado - Pará

Avies - São Paulo

Maurício Remígio - Amapá

No momento que me vi punk eu nasci!

Sopa de Osso -RN

Editorial

Na segunda edição do *Fazeres*, com a imagem da capa criada por Amante da Heresia, mergulhamos na prática do "faça você mesmo" como parte dos saberes anarcopunks, uma forma de resistência e criação coletiva que rejeita a dependência das estruturas de poder. O punk, desde suas origens, sempre foi mais que um estilo musical ou estético. Ele é uma maneira de enxergar e viver o mundo, situado num horizonte de luta anarquista. Antes de ser conhecido pelas bandas e pela indústria, o punk nasceu do inconformismo, da rebeldia diante da ordem estabelecida, abrindo caminhos para novas formas de pensar e agir.

O "faça você mesmo" é mais do que uma técnica, é uma prática que horizontaliza o saber e o fazer. Em uma sociedade marcada pela especialização e hierarquias, o anarcopunk age como ingovernável, pois inventa sua própria maneira de fazer as coisas. Nos espaços autônomos que criam, os punks desafiam as normas de produção, reinventando o ato de criar cultura e ação política a partir da escassez e da insatisfação. É uma prática que questiona o monopólio do conhecimento e afirma a potência do autodidatismo.

Com suas próprias mãos, punks ensinam e aprendem a importância da teimosia, de se posicionar no mundo com liberdade e recusa das imposições externas. Esse fazer coletivo e descompromissado com a validação institucional é um grito de autonomia. Cada página deste livrozine reflete essa filosofia, trazendo vozes de diferentes cantos do Brasil, cada uma contribuindo para a construção diversa que é o anarcopunk. Este espaço é de todos os que acreditam no poder da ação direta e da liberdade de criar.

Maurício Remígio

Anarc[x]punk .DIY -

Amante da Heresia

O Faça Você mesmo como arma de guerra -

Josimas Ramos

Espaços autônomos de Fortaleza -

Morto

Anarcopunk e diy na minha compreensão e vivência -

Maria Helena Bonifácio

Kontra Kultura Punk e faça você mesmo

Lampião

Arte, história e ativismo político

O papel do "faça você mesmo" para o movimento anarcopunk -

Jadson Luiz Sousa Silva

Colagem de Rua pela Matilha 167 - Casa de Kultura AnarcPunk -

Bizarro Zangado

Anarcopunk e o faça você mesmo -

Avies

Conversa de point a gente aprende a fazer fazendo

Maurício Remigio

ANARc[X]pUNk.diy

100 [Anar] [X] [Punk] [diy]

há muito tempo atrás, no final do século

passado, rolava um debate isso

somos anarquistas punks ou

punks anarquistas? na época a

gente queria marcar a

posição do que éramos

antes porque,

dependendo da

resposta, isso mudaria

as direções de nossas

ideias e de nossas ações.

A gente perguntava se

"ser anarquista" vier

antes, os modos de

organização e as estratégias de alguma(s)

vertente(s) do anarquismo determinaria(m) o

nosso modo de ser punk? por exemplo, seríamos

apenas anarquistas com um visual punk e que

curtem punk-rock? ou e se "ser punk" vier

antes? nosso tipo de rebeldia, ironia, cruza e

contestação seriam capazes de contribuir com o

movimento anarquista de modo geral? por

exemplo, seríamos uma vertente do anarquismo



que estaria, lado a lado e em pé de igualdade, às outras?

outro debate osso que rolava era se as palavras "anarquista" e "punk" seriam rótulos ou outra coisa. perguntávamos se forem rótulos, ao aceitarmos qualquer uma delas, ou em nosso caso, as duas, a gente não estaria nos impondo muito mais limitações do que ampliações às nossas liberdades? mas, se "anarquista" e "punk" não forem rótulos, o que significaria a gente ficar falando que somos isto ou aquilo? por exemplo, algumas pessoas não aceitavam o termo anarcopunk pois diziam que era só um rótulo criado para diferenciar o punk rock de letras comerciais e nihilistas do punk rock de letras cuja contestação tinha inspirações anarquistas

muita tempestade rolou enchentes e enchentes passaram por baixo da ponte que ligava o movimento punk ao movimento anarquismo. muito debatemos punks e anarquistas se foram e chegaram o tempo passou. contradições foram desfeitas outras permaneceram e até algumas se renovaram mas muito amadurecemos aprendemos a largar o osso e, também, aprendemos a pegarmos outros. o



amadurecimento chegou, mas sem significar que superamos essas questões, que chegamos a um consenso e, muito menos, que não podemos voltar a discutir tudo isso novamente só que, após quarenta anos de vida anaro[?]punk, sabemos que, de modo simultâneo, tanto as questões nascidas no punk reoxigenaram o movimento anarquista mundial, quanto as questões nascidas nos anarquismos inspiraram o movimento punk mundial tiramos duas grandes lições desse mutualismo inspirador e reoxigenante:

[1] a primeira lição é a de que, para uma pessoa começar a ser punk, independe de sua idade pois, ao longo de todos estes anos, vimos tanto adolescentes tornarem-se punk de modo espontâneo, quando pessoas mais velhas aderirem ao movimento por identificação e reflexão avançada desse modo, não importa o que vem antes pois não somos linhas retas somos círculos nem "ser punk" significa a adolescência do anarquismo (já que muita gente envelheceu, abandonou o movimento e hoje se mostra reacionária), nem "ser anarquista" significa



julgar ser a expressão mais bem realizada da organização da rebeldia e da contestação (já que há vários casos de pessoas, já com um histórico de vida e de luta formados, que abraçam o punk como expressão de sua forma de estar no mundo).

[2] a segunda lição tirada desse particular mutualismo entre "punk" e "anarquismo" é que nenhuma das duas expressões são rótulos as duas são sim horizontes visões de mundo que se entrecruzam isso porque, aprendemos que nenhuma das duas palavras funciona como gritar um *shasam!* ou seja, ao dizermos que somos anaro(x)punks, isso não significa que, instantaneamente, nos transformamos em algo formado e já acabadinho significa sim que temos muito trabalho a ser feito pela frente para nós, "ser" significa "estar" já que estamos sempre em movimento e em constante transformação e refinamento por isso "punk" e "anarquismo" não são rótulos mas horizontes para onde queremos ir, mas cuja caminhada ao futuro é dada como se já agora estivéssemos lá.

pra terminar esse texto, e nos lançarmos logo nas ações, trago mais um debate osso pra nós pois, ao mesmo tempo em que a gente queimava neurônios e gastava saliva com "ser ou não ser: eis a questão", também queríamos saber, quais seriam os lugares de atuação destrutiva e de intervenção criativa no mundo que fossem mais realizadores para nosso

modo anar[x]punk de levar a vida e pra isso, formulamos uma questão que nos servia como bússola. ela era a seguinte qual/quais o(s) local(is) onde a ideologia se constrói, se mobiliza e se propaga? pois lá estaremos em luta! lá estaremos para fazer do nosso jeito, atrevido e despudorado, o queremos e o que o deve ser feito para transformarmos a sociedade.

[1] se a ideologia se constrói, se mobiliza, e se propaga na música, lá estaremos! comporemos músicas, seja com instrumentos musicais acústicos, computadores ou com qualquer coisa que tivermos à mão, e gritaremos nossas ideias políticas! junto a isso montaremos nossos próprios locais de ensaio e nossos próprios selos! distribuiremos todo esse nosso material com nossos próprios meios!



[2] se a ideologia se constrói, se mobiliza e se propaga na mídia impressa, lá estaremos! criaremos zines, livros artesanais, panfletos, adesivos e lambes usando todo o tipo de papel que encontrarmos usaremos caneta, pincéis, tinta, cola, tesoura,



grampeadores, linhas de costura, goma e editoração digital! todo esse material estará disponível e presente em cada canto das nossas cidades e municípios!

[3] se a



ideologia se constrói, se mobiliza e se propaga no audiovisual, lá estaremos! desde apoiando os sindicatos não pelegos de todo o encadeamento produtivo

dos equipamentos (proletariado das indústrias), intervindo em todo o encadeamento realizador de cinema ficcional, documental e experimental, de animações, videocliques e webvídeos, às plataformas cooperadas de difusão desse material montaremos nossos próprios cineclubes, em locais fechados e ao ar livre, e estaremos como nossas próprias banquinhas de vídeos nos centros de circulação de pessoas

[4] se a ideologia se constrói, se mobiliza e se propaga nos softwares e nas tecnologias eletroeletrônicas, lá estaremos! aprenderemos os fundamentos da eletroeletrônica para consertar os nossos aparelhos e os da população de nossa vizinhança também realizaremos todo o tipo de



gambiarra



criativa!

aprenderemos linguagem
de programação para criarmos nossos
próprios softwares, nossos próprios
aplicativos e, porque não, nossos
próprios games! montaremos nossos
próprios hackerspaces e oficinas de
conserto de eletrodomésticos!

[5] se a ideologia se constrói, se mobiliza e se propaga nos centros de formação profissional do estado, nos salões comunitários de igrejas, católicas ou neopentecostais, nos centros culturais empresariais, e nos bares, lá estaremos! ocuparemos espaços públicos abertos (praças, parques, estacionamentos, semáforos), ou edificados (prédios abandonados, escolas, universidades, hospitais)! criaremos acontecimentos culturais alternativos nas proximidades dessas instituições! realizaremos oficinas profissionalizantes, seja de trabalho de corte e costura, de cabelereiro, de marcenaria, de construção civil, daremos aulas de línguas, faremos acompanhamento escolar, alfabetizaremos pessoas adultas, montaremos

feiras de troca, brechós e oficinas públicas de bicicleta; construiremos hortas comunitárias, bancos de sementes e berçários de plantas, melhoraremos cada centímetro de nossa cidade!



- cerrado, verão, 2021

O FAÇA VOCÊ MESMO COMO ARMA DE GUERRA

Josimas Ramos

O termo em inglês, DIY (do it yourself), ou em português Faça Você Mesmo, traduzido de forma literal, e em seu objetivo mais simplista, já vem sendo usado por mais de 70 anos, muito antes de juventudes rebeldes se apropriarem deste termo e proposta nos anos 60 e 70, mais especificamente nos anos 70 com o surgimento mundial do punk.

Algumas pessoas construíam seus próprios instrumentos ou usavam garrafas, tabuas de lavar roupa para se expressarem musicalmente nos anos 50 e foi uma das primeiras vezes que o ato de não seguir a formula opressora de se fazer música, foi chamada de Faça Você Mesmo.

Poderia escrever mais alguns exemplos de como o Faça Você Mesmo foi empregado em diversas situações pelo mundo e em diversos contextos, mas prefiro me atentar em como enxergo esta proposta dentro do punk, a cultura da qual faço parte.

O punk surgiu muito antes das bandas punks e é importante deixar isto bem explicado. O que é tido como surgimento do punk é o ano em que alguns grupos musicais se tornaram conhecidos, tocavam em rádios ou coisas do tipo, mas antes disto existia uma juventude inconformada gritando contra muita coisa e já construindo ou transformando muitas outras e isto é o começo do punk, e é neste ponto que o Faça Você Mesmo se transforma em uma das ferramentas mais utilizadas pelo punk. Se vivíamos em uma sociedade formada por especialistas em cada coisa, o punk destrói tudo isto e diz Nós podemos fazer tudo! Desde construir novas formas de se relacionar, construir coletivos político culturais, organizar nossos eventos, montar nossas próprias bandas e lançar nossos próprios discos, sem passar pelas gravadoras e o universo da comercialização da música.

Tomar de volta nossas vidas é o princípio deste sentimento Faça Você Mesmo e é o princípio fundamental do punk enquanto movimentação rebelde.

Falando de música, a música punk era, e ainda é, em seu foco principal, uma ferramenta de propaganda ideológica e um grito de insatisfação. É neste contexto de insatisfação com a forma como empresas tentam se

apropriar de tudo, controlar, moldar, refinar e colocar em prateleiras para serem vendidas assim como se vende um frasco de perfume, o punk criou sua própria forma de montar suas bandas, de construir sua musicalidade, e lançar e distribuir seus discos e ter o controle sobre todo este processo. Assim, a grande maioria das bandas punks dos anos 70 e começo dos anos 80 montaram seus próprios selos para lançar seus discos e de bandas punks próximas ou com afinidade cultural e ou política. Gato de se negar a estar em uma gravadora, sendo moldado, controlado, usado, construiu este sentimento de que podemos ser melhores do que as gravadoras, podemos ser nós mesmos. E isto ganhou uma força inacreditável quando analisamos uma juventude que até pouco tempo atrás não tinha perspectiva nenhuma de vida além de constituir uma família, ter um emprego e esperar a chegada da aposentadoria um pouco antes da sua morte. O Faça Você Mesmo trouxe ao punk, ou se alinhou a ele, uma gama de possibilidades que incluía desde fazer sua própria roupa, sua estética, seus desenhos, arte, literatura, lançar seus livros e zines, ser sua própria mídia, gravar sua própria música, até constituir comunidades e plantar sua própria comida.

Tudo isto se relacionando de forma anti capitalista e não comercial.

Percorrendo este caminho, desde o surgimento do punk, vimos o quanto o punk usou deste lema para construir sua essência e sua trajetória.

As comunidades criadas na Inglaterra nos anos 70, na Alemanha no começo dos anos 80, formadas por coletivos punks, são exemplos de busca por autonomia e negação do sistema em que viviam estes jovens que decidiram abandonar tudo para criar uma nova forma de viver.

O punk no Brasil, nascido nas periferias brasileiras, se colocou contra o regime militar na luta pela sua cultura e até pela própria existência, não somente enquanto punk mas também enquanto jovens rebeldes periféricos. O Faça você mesmo surgiu junto com o punk por aqui, com seus primeiros zines, primeiras demo tapes, primeiras roupas modificadas, primeiros shows em pequenos bares das periferias, lançando seus discos e construindo a sua própria história.

Pelo mundo, incluindo o Brasil, as Casas Ocupadas, também chamadas de squats, se proliferaram. Em algumas cidades com mais dificuldades que outras, mas sempre no intuito de se criar um ambiente rebelde de negação de diversos valores sociais e econômicos. Casas

que serviam de espaços culturais, espaços de shows, reuniões, moradia e tudo mais que uma coletividade pode construir de forma alternativa.

Cito as Casas Ocupadas como fruto da filosofia Faça Você Mesmo por se tratar de uma ação que envolve exatamente isto, fazer, criar por nós mesmos, sem depender de especulação imobiliária, inclusive a combatendo.

Com o tempo, punks se preocupam em levar uma vida autônoma, não somente em termo de trabalho mas em termo de autonomia máxima em relação ao estado, algo abominado pela maioria das pessoas envolvidas com o punk. E com isto, se envolvem com questões relacionadas ao plantio, uso da terra, geração de alimentos e isto também é parte desta proposta Faça Você Mesmo, plante sua própria comida.

Voltando à música, pois quando se fala de Faça Você Mesmo, há uma forte inclinação a esta parte do punk, posso dizer que o Faça Você Mesmo é a forma mais autônoma de se construir música, gravar, lançar demo, discos, e de se chegar nas pessoas. Já parte do princípio de que qualquer pessoa pode fazer música, pode tocar um instrumento, sem precisar de nenhuma especialização. Vale ressaltar que a especialização de qualquer coisa é, no nosso sistema, um empecilho para

novos saberes e a multiplicidade de saberes. E o punk vai contra isto, o punk escreve livros, zines, aprende a tocar instrumentos, gravar, tirar fotografias, filmar, fazer sites, e tantas outras coisas que se meter a aprender, o Faça Você Mesmo e o autodidatismo caminham de mãos dadas no punk. E ainda caminha buscando alternativas de gravação, se adaptando, aprendendo, e fazendo acontecer o que se quer a qualquer custo, e isto não quer dizer financeiramente e sim de esforço e criatividade.

A enorme maioria das bandas punkas são adeptas ao Faça Você Mesmo e o são por opção, por acreditar nisto, mesmo que seja difícil por não saber muito bem o que fazer mas é um universo carregado de amor, curiosidade, paixão e rebeldia.

Ainda me lembro do primeiro desabafo que estava na organização. Desabafo era o nome dado a shows perante a comunidade punk que eu convivía na época. Show era um nome muito comum a algo que odiávamos, os grandes espetáculos e por isto, chamávamos de desabafo e era isto realmente, um momento de colocar tudo para fora, através dos instrumentos e da fala tanto nas letras quanto entre uma e outra música. Neste dia, pegamos dois aparelhos 3 em 1 (aparelhos de som antigos que tem toca discos, radio e toca fitas)

que tinham entradas de microfone e levamos a uma calçada. Neles ligamos guitarra, baixo e um microfone que revezava entre voz e back vocal, presos em dois cabos de vassoura que servia de pedestal. O que saia das caixas de som era um ruído inaudível, tanto pela péssima qualidade dos instrumentos, quanto das caixas de som, mas o que sentíamos naquele momento, e nos dias seguintes, era a certeza de que podíamos fazer o que quiséssemos e ninguém iria nos segurar.

O Faça você mesmo ensina a fazer de todas as formas e ensina também a fazer melhor do que antes e isto é feito por amor e compromisso.

Uma coisa muito importante a ser levada em consideração é que o Faça Você Mesmo é parte de uma comunidade, onde sozinhos não somos nada. E nesta realidade, é importante ressaltar que o Faça Você Mesmo existe de forma onde esta comunidade se apoia, onde tudo se constrói coletivamente e quando não é desta forma, é como um castelo de areia que se desfaz na primeira marola.

Mesmo que pessoas ou bandas próximas do punk, insistam em imitar uma fórmula fracassada, no velho formato que tanto odiamos, o formato do mainstream, dos grandes shows, da existência de fãs, da competitividade, do melhor disco do ano, do

melhor isto ou aquilo, sempre existirá o Faça Você Mesmo feito com amor e rebeldia.

A experiência nos mostra algumas bandas que usaram o Faça Você Mesmo porque era a única coisa que elas conseguiam ter. Pensando numa escalada para selos, contrato, um punhado de fama e estas coisas que nos esvazia de sentimentos mesmo que com o bolso cheio de migalhas. A escalada sempre foi equivalente ao tombo e com o rabinho entre as pernas voltaram dizendo sempre ter acreditado no Faça Você Mesmo, numa mentira tão deslavada que nem mesmo elas conseguem acreditar, basta ler alguma entrevista, ouvir uma fala ou sentir o vazio que suas músicas trazem.

Contratos acabam, o Faça Você Mesmo não. Contratos são para cumprirmos aquilo que não queremos fazer. Aquilo que somente, por obrigação faremos. O punk, incluindo suas derivações, surgiu contra todo este processo, contra o mainstream, por já notar, décadas atrás, que todo este universo de controle e destruição de culturas, é um fracasso, assim como o capitalismo.

O encantador mundo que o capitalismo nos oferece pede algo em troca, em troca de nossas vidas.

Mas esta filosofia segue pelo mundo, nas periferias de cada cidade, no coração de jovens punks que aparecem criando algo, onde novos desafios são enfrentados, onde a criatividade vai além de repetições cansativas, onde o punk segue se tornando uma ameaça, onde temos a certeza de que não estamos sós.

O tempo, depois de muito tempo, segue nos mostrando muito mais sobre o alcance e poder do Faça Você Mesmo. Aprendemos que, com melhores equipamentos podemos fazer melhores eventos, que com melhores ferramentas conseguimos construir muito mais coisas e mais duradouras. E aprendi também que precisamos tomar cuidado para que o volume das nossas guitarras, em melhores amplificadores, não silencie nossas vozes e nossos sentimentos.

O Faça Você Mesmo é uma filosofia e uma ferramenta que nos fortalece!

Semente Negra, maio de 2021

ESPAÇOS AUTÔNOMOS DE FORTALEZA

Morto

A ideia de autogerir um espaço autônomo sempre esteve presente na movida punk de fortaleza, falo isso baseado na minha vivencia nessa movida e nos relatos de alguns punks das antigas. Houveram algumas tentativas de espaços que não duraram muito tempo, uma delas foi a okupação de uma casa por volta do ano 2000, que seria um espaço para as reuniões e atividades do movimento anarcopunk, anarquista e do comitê de solidariedade. As comunidades zapatistas. Mas essa ocupação era muito longe e acabou que só um anarquista ficou na casa e depois teve que sair por ordem judicial.

outra tentativa foi a trincheira libertária, que era uma creche e o cara que cuidava do lugar deixou que nós okupássemos. O espaço era grande, tinha algumas salas, um pátio para as atividades, cozinha, etc. Fizemos umas reformas e inauguramos com uma atividade, rolou teatro, recital de poesias, exibição de vídeo e troca de ideia. Mas a trincheira

libertária só durou uma semana, pois o cara desistiu de nos ceder o espaço depois que viu todas as paredes pintadas com frases e desenhos, e teve outro motivo que não tô lembrando. Ficamos sem espaço e um pouco frustrados, mas ainda tínhamos o point, que era um ponto de encontro punk que rolava toda sexta feira a noite numa praça central desde os anos 80. Não lembro bem das datas, mas uma vez surgiu a ideia de fazer um espaço na casa do pastel, o que não deu muito certo, mas mesmo assim a casa dele sempre foi aberta pra reuniões e atividades. Além do point e da casa do pastel, nos reuníamos também na casa do Joaquim e na universidade. Ai em 2003 foi organizada a II semana de cultura libertária de fortaleza que contou com a presença de anarquistas, anarcopunks e libertários de vários cantos do brasil. Foi uma semana de debates, troca de ideias, exibição de videos e uma gig de encerramento. Depois desse encontro foi organizado um grupo de estudos sobre anarquismo que acontecia todos os sábados na universidade. Esse grupo de estudos durou um bom tempo e trouxe várias pessoas pra movida. Também começou a rolar uma banquinha de materiais todas as sextas numa praça próxima a universidade. Com tudo isso acontecendo point, banquinha de

materiais, grupo de estudos, etc. Tornava-se mais necessária ainda, a existência de um espaço autônomo foi aí que surgiu a Comunidade Libertária, um espaço alugado, era enorme e cheio de quartos onde foram organizadas a biblioteca, serigrafia, sala pra reuniões, grupos de estudos, tava sendo construído um estúdio pra bandas, tinha lugar pra gigs, pra roda de capoeira, etc. Rolaram muitas atividades e vivências. Até essa época o movimento anarquista e anarcopunk era uma só movida, mas no segundo ano de comunidade libertária rolou um racha e foi cada um pro seu lado. A movida anarcopunk, que tinha formado o coletivo confronto anarcopunk, sai da comunidade e fica se organizando numa praça e depois alugam uma casa numa vila e nasce o espaço confronto anarcopunk mais conhecido como a casa do confronto. Era uma casa muito pequena, 3 cômodos e 1 banheiro, mas dava pra se organizar, na casa montamos a serigrafia, biblioteca tinha uma pequena horta na frente da casa, fizemos um gato de energia e de água, e além de ser moradia de alguns punks rolavam muitas atividades como vídeo debates, varietês, grupo de estudos e muita vivência. Foi no confronto que conspiramos, com várias movidas do Brasil, o encontro nacional anarcopunk, que aconteceu no assentamento

barra do leme, onde vivem nossos amigos do ciclovida no sertão do Ceará. O encontro aconteceu como esperado, rolaram as trocas de ideias, oficinas, conhecemos pessoas maravilhosas e vivenciamos muita coisa massa junto ao ciclovida. No final do encontro, voltamos todos pro confronto e aos poucos o pessoal foi voltando para suas localidades. Alguns conspiraram o bike punk, que seria uma viagem de bike até porto alegre, onde aconteceria o encontro internacional anarcopunk. E assim foi, o bike punk aconteceu, a galera foi de bike, outros de carona e ônibus. O confronto ficou com poucas pessoas, mas continuamos com as atividades e vivências da casa. Passou mais de um ano e a galera começou a voltar, e junto vieram uma galera de porto alegre e outras localidades. E o confronto estava com muita gente de novo. Em uma troca de ideia, falamos em okupar um espaço, já que estávamos em grande número, daí escolhemos uma fábrica abandonada que alguns de nós já tinham sondado e estava na lista pra ser okupada. Decidimos entrar pra ver no que dava. Marcamos para domingo, era mês março de 2010, compramos materiais de limpeza e fomos todos de bike. No bando tinham 8 crianças. Chegamos no local, não tinha porta e já havia uma galera de rua

morando lá, trocamos uma ideia e eles disseram que era de boa a gente ficar lá. A parte que eles moravam era nos fundos e tinha acesso pra outra rua, ficamos com a parte da frente que era forrada e tinha o andar de cima que era onde iam dormir, iniciamos a limpeza primeiro na parte de cima, o local estava todo cheio de lixo e entulho, tanto em cima como em baixo, era tanto lixo e entulho que não dava pra ver o chão. Foram umas duas semanas de limpeza e contamos quinze caminhões caçamba que fizeram a coleta do lixo. Nessa fábrica tinham várias árvores que brotaram debaixo do concreto, descobrimos que se chamavam torén. Daí demos o nome do espaço de squat torén. Em poucos dias o Espaço já estava a nossa cara, pintamos todas as paredes com desenhos e frases, organizamos a biblioteca, serigrafia, cozinha, banheiro seco, composteira, o squat estava muito lindo, mas ainda não tinha porta nem janela nos primeiros dias tínhamos que fazer vigília à noite e não podia ficar sem ninguém na okupa. Recebemos a primeira visita da polícia no terceiro dia de okupa, chegaram apontando as armas e com agressões, dizendo que receberam uma denúncia, depois de alguns minutos de terror, um dos okupunks conseguiu tomar a fala dizendo que éramos artistas viajantes que

estávamos fazendo algumas apresentações de circo e ali seria o espaço pra organizarmos essas apresentações, daí eles viram umas barracas armadas, malabares, orianças, aí foram se acalmando e foram embora. No domingo fizemos um cortejo pelas ruas pra conquistar a confiança da vizinhança e atrair a comunidade. A confiança já tínhamos conquistado só em ter limpado todo o espaço acabando com o lixo, ratos e baratas também fizemos apresentações de teatro, roda de capoeira e outras atividades. Mesmo assim ainda recebíamos visitas da policia e dos herdeiros da fábrica que foram recorrer na justiça pra que saíssemos de lá. E foram várias tentativas de nos tirar, até que tentaram nos tirar na marra. Chegaram pela manhã com capangas e policiais a paisana e começaram a nos ameaçar pra que saíssemos e a quebrar várias paredes para inviabilizar nossa moradia ali, mas já estávamos articulados com vários advogados e jornalistas e imediatamente começamos a ligar pra eles e pra outros amigos, logo a rua estava tomada por vizinhos, advogados, imprensa e várias viaturas. A vizinhança estava nos apoiando, mas o clima dentro e fora da ocupa estava tenso e só pararam de quebrar tudo quando dissemos

a polícia que estavam nos ameaçando com as marretas. A tensão só acabou depois que chegou o delegado e o advogado dos herdeiros dizendo que eles não podiam agir daquela maneira e só sairíamos dali com ordem judicial. Daí eles vão embora. Nos acalmamos um pouco e começamos a consertar os estragos. No outro dia sai uma reportagem no jornal local sobre a ocupa, fomos manchete do caderno de cultura com uma reportagem muito massa. E só depois dessa tentativa de desalojo, fomos ter um pouca de sossego na ocupa. A polícia parou de nos importunar um pouco e os herdeiros ficaram esperando pela justiça, e nós continuamos com as atividades no squat. Compramos um portão pra colocar na entrada, cavamos uma cacimba (poço), quebramos o concreto e fizemos uma horta, ganhamos uma placa solar, tínhamos o recicle da padaria e da feira agroecológica, e foram 2 anos de autonomia, vivência, correria, amizade e aprendizado. Até que depois de sermos intimados na delegacia e algumas audiências no tribunal, o torén chegava ao fim, nos deram 6 meses para conseguirmos outro espaço. O tempo passa e não conseguimos, já estávamos pensando em alugar uma casa. Ai o Inácio do ciclovida nos apresenta um amigo dele que

tinha uma antiga escola comunitária desocupada e queria que ficássemos lá por tempo indeterminado e sem pagar nada, fomos conhecer o espaço e ele disse que tinha gostado das nossas ideias, nossa autonomia e queria ceder o espaço para continuarmos com as atividades. E lá fomos para o novo espaço. Ele mesmo fez nossa mudança. Como sabíamos que um dia teríamos que sair, demos o nome de espaço infixo. E novamente começamos a organizar tudo biblioteca, serigrafia, cozinha, etc, fizemos umas reformas e em poucas semanas começamos as atividades. Rolaram oficinas, saraus, video debates, trocas de ideias, gigs e o espaço durou 3 anos até o dono pedir de volta, e tivemos que sair. Conseguimos alugar uma casa e já vão completar 3 anos que moramos nela. Demos o nome de casa amaranço, pois tem um pé de amaranço na calçada. A Ziane já tinha o restaurante vegano malaguetta e ficou assim, em cima era o restaurante e em baixo o espaço amaranço. Nos 3 primeiros anos fizemos muita atividade. Foi aqui que organizamos as duas edições do kactus tattoo, evento de tatuagem beneficente ao ciclovida. Fizemos também várias gigs, oficinas e fazíamos uma festa de roda de cêco todos os meses pra conseguir grana pro aluguel, era o "cêco com pimenta", a

casa ficava lotada e nós fazíamos a grana com as bebidas, e o povo tocando oco e dançando até amanhecer o dia. Mas os poucos a galera foi dispersando e outras foram somar numa okupacao que rolou aqui do lado no doc que era uma okupação de viajeros e malabaristas e depois ficou só os punks. O nome da okupa era squat corpo sem órgãos e fizemos muita atividade juntos. Essa okupa durou 8 anos e os punks que moravam lá foram dar rolê e ficaram poucas pessoas aqui em casa, aí rolou uma mudança na casa, o malaguetta foi pra parte de baixo que é maior e bem melhor pro restaurante e o espaço amaranco foi pra parte de cima. Agora aqui em casa é apenas moradia e o restaurante, e é aqui no meu pequeno espaço que tenho minha estamperia e estou montando uma editora. Estamos em 7 pessoas vivendo na casa e sempre acreditando e conspirando com a ideia e prática de faça você mesmo.

Ceará, 2021

ANARCO PUNK E DIY: NA MINHA COMPREENSÃO E VIVÊNCIA

Maria Helena Bonifácio

O “faça você mesmo” e o autodidatismo, creio ser a essência e o propulsor para qualquer contracultura e meio alternativo.

Não há como haver o punk veio da escassez e da insatisfação e do que era oferecida a juventude.

A indústria de entretenimento não respondia aos anseios daquela juventude dos fins dos anos 70, e para muitos que vieram nas décadas posteriores. Por isso que enxergo que o punk e demais manifestações próximas, se difundiram mundialmente.

Esse conceito trouxe potência e atividade criadora para milhões de pessoas. Uma forma de horizontalidade entre o saber e fazer, não só na música, mas em outros setores de expressão cultural, política e estética.

No anarcopunk não foi diferente, e abrangeu principalmente a ação política.

Em termos de Brasil, no início do anarcopunk, estávamos saindo de uma ditadura, com um underground dando seus primeiros passos, e uma tradição anarquista interrompida por esses longos anos de repressão política.

Jovens com poucas referências e procurando seu norte político e cultural, achando insuficiente o que o punk daquele período estava oferecendo.

Muitas coisas foram construídas quase a partir do zero, até a base teórica era escassa.

Por isso, essa base do DIY foi transformadora e essencial, até para a construção do movimento anarquista atual e da militância em movimentos sociais de muitos que surgiram a partir daquela época.

Na minha vivência (a partir dos fins de 80 em diante), ainda não existia o anarcofeminismo no Brasil (e nem o resgate de pensadoras como Maria de feminismo Lacerda de Moura), aliás, até poucos coletivos de feminismo de outras vertentes, sem contar o pouco poio e até desestímulos de vários "companheiros" do movimento. Em contrapartida, havia mais apoio das outras feministas (mais preocupadas com o apoio mútuo feminino do que em disputas ideológicas, de sermos anarquistas e elas

marxistas) Esse foi nosso ponto de partida pra construção de um coletivo anarcofeminista, que gerou bons frutos durante um período, como federação e encontros.

Enfim, a prática do DIY é emancipadora, porque nos faz agentes ativos e não passivos. Entender que para algo acontecer, que desejamos, é necessária nossa participação, com erros e acertos.

Isso me estimulou a sair da minha zona de conforto, procurar conhecimentos em vários ambientes diferentes, e a ter base e segurança para construir e ter um discurso coeso sobre as causas que eu apoio.

Aprendi que sou capaz de me inserir em causas, projetos, adquirir saberes e técnicas. Auxiliou-me até na vida acadêmica e profissional, pois te dá segurança e vontade de ir mais além do que é oferecido e ensinado nesses meios.

O DIY e o autodidatismo (e uso esses conceitos imbricados entre si, pois um é necessário ao outro) são práticas de autonomia e pensar crítico, essenciais para uma mudança social e individual.

São Paulo, 2021

KONTRA KULTURA PUNK É FAÇA VOCÊ MESMO

Lampião

Não há liberdade sem revolta!

O punk é encarnado pelos seres que o vivem como uma manifestação constante, em cada passo, a cada gesto, de uma força subversiva, antissocial, de negação dos valores sociais impostos, de rechaço ao mundo sustentado pela exploração da terra e dos seres que nela habitam. É ruptura com a imposição do existente! Um existente apoiado no poder e na autoridade, no luxo e na miséria. Vivência punk é kontra kultura viva e busca por sua natureza insubmissa uma existência anárquica.

Punk não tem líder, chefe, comandante, controle, vanguarda, punk é pensar e fazer, braço e cérebro, "faça você mesmo". Agressivo e feroz contra quem lhe quer pôr coleiras e cadeias, carrega irremediável inimizade com aqueles que querem conduzir a vida do outro/a, seja quem for revestido do que seja.

Punk é grito de liberdade! Punk é revolta visceral, rebelião permanente, amor e ódio. Amor à liberdade total a tudo e todos, ódio à toda forma de dominação. As leis dos homens ou as superstições religiosas não são sua bússola de orientação no mundo. Demonstra com o moicano o vivo apreço aos povos indomáveis, flui na vivência tribal, no bando urbano de gente desgarrada dos valores da sociedade de massa, nas práticas rebeldes e pelo puro sentimento de aversão as imposições sociais.

Punk é vivência individual e coletiva, é criação, é realização cotidiana de gestos de rechaço e combate contra as expressões da dominação com as ferramentas que tem. Provocando situações e intervenções contra a normalidade com suas próprias mãos, irrompendo as ruas, perturbando a *par social* com sua atitude e postura, ocupando casas, reciclando, atacando e ofendendo as faces materiais da opressão, insuflando protestos, desafiando o mundo do poder e seus tentáculos em nossas vidas, difundindo e produzindo música, literatura, ideias incendiárias onde a própria vida é uma trincheira de luta fazendo viver à *kontra kultura*.

Cada punk e suas mil iniciativas vivenciam, ensinam e aprendem, buscam, praticam Autogestão (fazem por si mesmas), livre associação (se unem por afinidade), horizontalidade (ombro a ombro), apoio mútuo, autonomia, solidariedade, conflito contra as caretas do poder nas lutas antimilitar, antipatriarcal, antirracista, antifascista, antifestatal, antissexista, antimanicomial, antinuclear, anticlerical, anticapitalista, antiautoritária. Anti tudo que ofenda a vida e a liberdade.

Com um ímpeto realizador, de ruptura com a alienação, a massificação, punk é praticar permanentemente o *faça você mesmo* e esta essência é encantadora, pois incita a cada um/a segundo suas possibilidades fazer, arriscar, ousar, opinar, criar – e quem não quer praticar com suas próprias mãos, tomar as rédeas de sua vida, construir seu caminho derrubando todos parasitas? Punk quer! Como um movimento incessante individual e coletivo.

Neste movimento de destruição e construção de outro caminho fora das jaulas e papéis impostos, um caminho desconhecido, que é trilhado no próprio viver, na insistência e teimosia, o *faça você mesmo* é encarado em

todas as faces da vida. Descobrir o como fazer, do que é composto, do que é feito, experimentar, transformar a matéria, manejar ferramentas, com criatividade, curiosidade, sem comodismo, reciclando, buscando realizar com o que se tem.

Rio Grande do Sul, 2021

ARTE HISTÓRIA E
ATIVISMO POLÍTICO
O PAPEL DO FAÇA VOCE
MESMO PARA O MOVIMENTO
ANARCO PUNK

Jaddson Luiz Sousa Silva

O anarcopunk enquanto um movimento contracultural que se expandiu pelo mundo, e que foi capaz de construir autonomia nos lugares por onde se instalou, teve como uma de suas principais características a ideia de "do it yourself", ou, numa tradução livre "faça você mesmo".

Este lema promoveu a urgência de se fazer, por conta própria, a vivência de tudo o que dizia respeito ao movimento, suas ideias, posicionamentos políticos, roupas, visualidades, sonoridades e textos.

É inegável que a atual realidade do Movimento Anarcopunk não seja a mesma da década de 1990, e isso se reflete de várias formas em nosso jeito de ser e viver enquanto anarcopunks. Porém, a força e a busca pela coerência de nossos pensamentos e ações ainda permanece a mesma em muitos aspectos. E está incluso nesta realidade, o nosso "faça você mesmo" Ainda permanente e pulsante!

De forma autodidata,



Fig. 1: Capa da 5ª Edição de
Punks em Luta

anarcopunks espalhados/as pelo Brasil,

construíram uma vertente própria, do punk, dentro da política e da filosofia anarquista. Foi nesse momento em que punks escreveram muitos textos sobre engajamento político, ativismo contra as opressões sociais e em prol da resistência contra indivíduos e bandas que levantavam a bandeira identidade punk, mas que de punks não tinham nada.

Também é desse período (década de 1980) a forte articulação entre anarcopunks por todo o país, que passaram a manter contatos e a organizar ações, a partir de vários núcleos de anarcopunks chamados de MAP's (abreviação de Movimento Anarcopunk), como vem a ser o caso do MAP-Pará. Uma trajetória de articulações individuais e coletivas que marcou e marca profundamente a história dos movimentos sociais no Brasil.

Como a nossa história mostra, deve-se considerar um fator importante: o fazer coletivo é tão importante quanto o individual para a perspectiva anarcopunk. O indivíduo pode e deve desenvolver por conta própria as suas ações. Entretanto, é importante, também, haver uma articulação coletiva. Dentro da perspectiva anarcopunk, isso é o que fortalece,

organiza e impulsiona tanto a ideia de movimento, quanto a noção de cultura urbana.

Para além da noção de movimento, o punk também pode ser lido como uma cultura urbana de resistência contra a cultura dominante. Nesse sentido, a cultura punk, entendida como prática coletiva (igual a qualquer outra cultura), cria por intermédio de seus integrantes, as suas próprias características, significados e elementos identitários. Uma construção que se dá nas relações de trocas e negociações entre os próprios anarcopunks.

Assim sendo, não há como um único punk, isolado dos outros, estabelecer por conta própria, e de forma arbitrária, o que é o punk. Essa articulação coletiva de produção da cultura punk, na década de 1990, ocorreu muito através das cartas, dos zines, panfletos, e principalmente, através das reuniões periódicas nos points.

O "faça você mesmo", contudo, estava na produção de todo esse material, e na articulação livre, dos anarcopunks, sem a interferência de nenhum partido político ou de indivíduos não punks. Não que os simpatizantes fossem ignorados, é que os

anarcopunks sempre procuraram, e ainda procuram, desenvolver a liberdade e independência do próprio movimento.

Em Belém do Pará não foi diferente. Esta busca por articulação, fortalecimento político e cultural do anarcopunk, gerou um movimento forte durante os anos de 1990. Infelizmente, tal mobilização sofreu um abalo e se enfraqueceu no decorrer dos anos 2000. Porém, foi esta história de luta construída individual e coletivamente que permitiu a resistência da mobilização anarcopunk que permaneceu até os dias de hoje.

A partir dos anos 2000, muita coisa mudou, e o grupo que antes era forte, se fragmentou em vários grupos com posicionamentos políticos e filosóficos por vezes diferentes. As novas tecnologias de comunicação e de transporte, de certa forma, também inauguraram novas adversidades que obrigaram os anarcopunks a se reinventarem, repensando a relação com outros anarcopunks, bem como, a presença (ou não) dos anarcopunks dentro dos ambientes digitais.

Com esta nova realidade que pouco aparenta ser contornada, os anarcopunks locais tiveram que se reorganizar e passaram

a produzir ações mais individuais do que coletivas. Nessa direção, o "faça você mesmo" se uniu cada vez mais à ideia de Ação Direta, se inscrevendo, assim, como um grito punk que ecoa na capital do Pará.

Foi por esse período, que comeci a minha vivência na cultura e nas ideias anarcopunks.

Minha resistência política e cultural veio, principalmente, contra as adversidades impostas pela realidade local. Quando eu surgi no cenário belenense, estudando sobre anarquismo e procurando conhecer e me envolver com o Movimento Anarcopunk, a cena local estava fragmentada. Os anarcopunks da antiga já atuavam sozinhos, ou haviam se tornado apenas anarquistas. Outros, por uma série de motivos, haviam deixado de ser anarcopunks, e passaram a se intitular apenas punks.

Tal realidade, que veio à tona no final da primeira década dos anos 2000, acredito eu, foi um dos efeitos causados pela ruptura nacional que ocorreu, a partir de 1995, dentro do Movimento Anarcopunk. Os anarcopunks que permaneceram, mantiveram uma resistência a partir de suas ideias, ações e visual, porém,

pouco ou nada ocorria que fosse voltado para ações coletivas

Devido a isso, a minha busca autodidata por conhecimento, principalmente sobre o Movimento Anarcopunk, e acerca da nossa cultura, se fez necessária.

Entrei em contato com punks da antiga, troquei ideias, estudei sobre anarquismo, assim como, estudei acerca da relação entre o anarquismo e a cultura punk.

Logo pude perceber a diferença entre quem vivia e acreditava na cultura e mobilização anarcopunk, e quem não sabia sobre o assunto, mas que usava o visual sem comprometimento. Esse era o caso de uma ou outra pessoa ligada ao cenário do rock, e que acreditava que o punk era apenas música ao invés de uma vivência. Este fato me fez ser mais reservado. Observava muito antes de fazer contatos. Quando o fazia, procurava sempre levantar informações sobre as ideias que traziam, além de eu observar se as práticas condiziam com as ideias.

Dentro do Movimento Anarcopunk, a intenção sempre foi a coerência entre as ideias e as práticas. Ser anarcopunk, e só andar de visual, mas não produzir nada dentro do

movimento, e nem se impor de forma crítica em sociedade resistindo contra as opressões, é deturpar a História do Movimento Anarcopunk.

Levando isto em consideração, desde bem cedo, mesmo entendendo a importância das movimentações coletivas, não fiquei parado esperando por ninguém.

Nesta direção, uma das minhas das minhas principais contribuições para a resistência anarcopunk foi a constante produção de zines que venho desenvolvendo desde pelo menos 2009.

Houve períodos de produção mais intensa, e, períodos de pouca produtividade, porém, permaneci na resistência. Às vezes, mesmo com minhas ações pela cidade em eventos culturais, batia a sensação chata de estar lutando sozinho, fazendo inimigos, e, o que era pior, batia a sensação de não estar alcançando ninguém com a minha mensagem.

Esta sensação esporádica, em momento algum, limitou minha produção e minha resistência política e cultural.

Sempre que podia, além da produção dos zines, também montava, nos eventos em que eu participava, a exposição de meus materiais.

Os zines (abreviação de fanzine) são produções editoriais de revistas artesanais desenvolvidas com pouco dinheiro e muita vontade própria. Nestas revistas, o posicionamento autodidata dos/das anarcopunks se impõe. Assim, produzimos textos, imagens, fazemos recortes e colagens, e nos comunicamos com outros anarcopunks, e simpatizantes de nossa cultura.

No caso dos zines que produzi, o que mais tem se apresentado, corresponde a disseminação e debate da filosofia anarquista e do combate contra qualquer tipo de opressão. Meus zines também atuam na divulgação das Ações Diretas disseminadas por mim ou em parceria com outros anarcopunks.

Durante esses anos, atuei na criação de duas séries de zines: 1) O Marginal, e o 2) Punks em Luta. Outros títulos surgiram como o "Doses de um Coquetel Molotov", e diversos panfletos.

O "Punks em Luta" teve poucas edições, entretanto, contou com uma visão mais madura sobre a minha vivência e compreensão do Movimento Anarcopunk. Foi quando parei para refletir sobre qual o significado que, para mim, estava por trás de minhas ações.

A 1ª edição data de março de 2009. E nela, eu procurei pensar acerca das relações entre o



Fig. 2: Capa da 1ª Edição de Punks em Luta.

Fonte: acervo pessoal.

punk e o anarquismo. Para tanto, abordei o que para mim era ser um/uma anarcopunk, bem como, a minha visão de resistência e liberdade

Em meio às reflexões levantadas no zine, eu apresento o potencial contido no "faça você mesmo"

"Através dos zines, punks podem fazer com que a visão punk de mundo seja repassada. Com desenhos, fotos, símbolos, poemas e letras de músicas, os punks podem ensinar sobre o punk, convocar mais pessoas para a revolta, e fazer a oposição ao preconceito disseminado na grande mídia contra os punks" (PUNKS EM LUTA, 2009, p. 02)

Com toda a certeza, não é objetivo dos/das anarcopunks ensinar sobre nossa cultura para qualquer um, no entanto, os zines sempre foram uma das nossas principais armas contra as propagandas de desinformação promovidas pelos que deturpam e criam estigmas para representar a cultura e o movimento anarcopunk.

Por isso, eu nunca consegui entender a tendência que algumas pessoas têm de isolar as mobilizações punks e de só manterem diálogos entre os próprios integrantes do movimento, sendo no caso, mais especificamente, seus amigos. Não entendia, porque ao passo em que

alguns se isolam, estes também se colocam na posição de crítica às visões deturpadas sobre o punk. Tal fato me parece contraditório visto que assim, com o isolamento, as visões deturpadas acabam não sendo combatidas e, desta forma, se fortalecem no senso comum.

Longe de mim deslegitimar as escolhas de outros/tras anarcopunks. Para mim, ser anarcopunk é ter a liberdade para se posicionar e se impor no mundo contra os preconceitos e injustiças. Então, compreendo que cada um escolhe suas próprias armas para a luta.

Foi por isso que sempre vi na música, em nosso visual e em nossos panfletos e zines, uma forma de resistência contra a propaganda ideológica das classes dominantes. Seja em seus discursos que atacam os trabalhadores e pobres, seja em seus discursos que atentam contra o significado do que é ser anarcopunk. E foi a partir desta visão, que dei início a minha produção visual, musical e textual, compreendendo esta produção como um vetor do meu "faça você mesmo". Na 2ª edição de "Punks em Luta", que data de janeiro de 2010,

apresentei minha visão anarcopunk que se opõe às autoridades e seus abusos contra os pobres e marginalizados. Neste zine abordei o quando ser anarcopunk representa questionar e negar qualquer forma autoritarismo.

A polícia e as forças armadas



Fig. 3: Capa da 2ª Edição de "Punks em Luta".

Fonte: Acervo pessoal.

correspondem ao poder coercitivo do Estado,

servindo de forma repressiva para conter o poder revolucionário das classes oprimidas.

Não à toa, tanto no passado quanto no presente, os anarcopunks são vítimas da arbitrariedade do poder coercitivo do Estado que age a partir de visões estereotipadas contra os mais variados grupos periféricos e historicamente excluídos.

"O Estado estabelece as leis para forjar um espírito de igualdade que de fato não existe, visto que as pessoas são socialmente diferentes, bem como, também mantém os juizes que vão julgar as leis e, portanto, sempre vão fortalecer o Estado, assim como, também tem em seu domínio, um exército de policiais, que são mantidos para usar a força contra qualquer processo que saia do controle e que tenha um caráter revolucionário" (PUNKS EM LUTA, 2010, p. 08)

A perspectiva anarquista nos permite entender a atuação do Estado na manutenção das classes sociais, na desarticulação dos processos revolucionários das classes oprimidas e na produção e manutenção do sistema capitalista.

É através do Estado que o capitalismo encontra a legitimação das relações de trabalho pautadas na exploração, assim como, também parte do Estado, a regulação e legitimação da propriedade privada.

Sem o Estado, as classes oprimidas não suportariam tanto tempo em meio a exploração de sua força de trabalho. Essa situação tenderia a piorar a partir do momento em que os oprimidos passassem a perceber que apenas produzem a riqueza dos capitalistas em nome de sua própria miséria.

Proudhon, em seu texto "A propriedade é um roubo", é categórico quando se opõe à propriedade privada, e alega que esta não passa de um roubo, afinal, a propriedade privada é o privilégio da classe dominante no ato de usurpação do trabalho dos mais pobres.

Existe um debate mais profundo acerca do assunto, entretanto, para levantar o tema nas dimensões deste texto, e compreendendo a complexidade da perspectiva de Proudhon, vou adotar uma visão mais prática e menos filosófica, no caso a noção de propriedade privada dos meios de produção.

A utilização deste termo mais reduzido da noção de propriedade privada, no presente

texto, tem um viés mais didático, mas também, consiste em uma escolha política. Embora seja a noção que Marx e Engels utilizaram no "Manifesto do Partido Comunista", ao menos é um termo que nos ajuda a compreender a atuação do Estado na exploração dos trabalhadores e no fortalecimento do atual sistema econômico.

Nesse sentido, entende-se o capitalista como sendo o dono dos meios de produção. Ele possui o dinheiro para investir, e é o dono dos meios necessários para o desenvolvimento dos bens de consumo e também é dono dos meios de distribuição desses produtos para os consumidores.

O trabalhador, que só possui a sua força de trabalho, vende a única coisa que tem para sobreviver. Com isso, desenvolve os produtos e os vende, fica com a parte mínima e repassar a maior parte ao capitalista.

Esse sistema de exploração só pode ser justificado e legitimado através da existência de uma instituição que se impõe através da força, e, desta forma, agencia a contradição entre as classes, favorecendo a classe dominante.

Os anarcopunks, por coerência filosófica e política, são contra o Estado, e, conseqüentemente, contra toda a violência física e simbólica que dele emana.

"Sem dúvida, quando um povo passa do Estado Monárquico ao Estado Democrático há progresso porque, ao multiplicar o soberano, aumentam as chances de a razão substituir a vontade, mas, enfim, não há revolução no governo, já que o princípio permanece o mesmo. Ora, nós temos a prova, hoje, de que mesmo na mais perfeita democracia não se pode ser livre"
(PROUDHON, 1988, p. 37)

Para nós, assim como para qualquer ramificação do anarquismo, não há revolução possível com a permanência do Estado. Seria um erro pensar na possibilidade de um "Estado Revolucionário", e, por esta constatação, nos colocamos radicalmente opostos aos socialistas marxistas, como é o caso de Lênin que defende a tese de um Estado Revolucionário em sua obra "O Estado e a Revolução".

Eles são incompatíveis porque, ainda que o Estado seja composto pelo desejo da maioria, ainda assim seria a permanência da vontade de

um grupo. Desse jeito, as arbitrariedades aconteceriam inevitavelmente na busca pela manutenção do poder.

É claro que, da mesma forma como Proudhon, também se considera aqui a diferença significativa entre um modelo de governo e outro. Da mesma forma como um governo democrático é melhor que um governo monárquico, uma "democracia operária" teria a tendência a trazer mais ganhos para os trabalhadores do que numa democracia burguesa.

Só que a crítica anarquista é radical e exige o fim do governo e seu aparato repressivo. No lugar deste apego que os socialistas marxistas têm em relação ao Estado, os anarquistas propõem a emancipação dos indivíduos através de um constante trabalho de base, sempre visando à autonomia da criação e do trabalho.

Também é claro que não há consenso entre todos os anarquistas sobre como chegar a essa autonomia, porém, o trabalho de base é essencial para que a revolução não ocorra de cima para baixo. Portanto, entre nossas estratégias de resistência, estão presentes as noções de Ação Direta e Apoio Mútuo.

O Conceito de "Ação Direta", próprio do anarquismo, para mim se encontra na vivência anarcopunk a partir, também, do nosso lema "faça você mesmo". Assim sendo, fazemos nossas próprias ações, e, muitas vezes, de forma individual. Planejamos e colocamos em prática. Isso diz respeito tanto acerca das roupas que usamos, sines e músicas que fazemos, até no que concerne às nossas intervenções políticas e subversivas na cidade em que vivemos. O nosso "faça você mesmo" possui, além de um potencial político, um viés fortemente artístico que permite com que nos expressemos, trazendo não só a nossa visão de mundo, mas principalmente as nossas próprias vivências.

Uma intervenção urbana composta por pichações, frases de ordem, desenhos e panfletos espalhados em paredes, paradas de ônibus e casas, são exemplos de nossas Ações Diretas. Ou melhor, de nosso "faça você mesmo".

Já o "Apoio Mútuo" corresponde, por sua vez, ao nosso trabalho de cooperação e solidariedade que não se estende apenas à gente. Esse é um trabalho que impede com que as condições adversas de miséria e exploração do sistema capitalista, sejam capazes de

destruir os trabalhadores e trabalhadoras pobres. Estas mobilizações coletivas tem o objetivo de minimizar, na medida do possível, a vida penosa a que somos submetidos, através de ações de são contrárias ao individualismo egoísta e egocêntrico próprios do capitalismo.

Outra bandeira de luta por nós levantada vem a ser o "Trabalho de Base". Acreditamos que esta abordagem é mais eficaz e emancipadora das classes oprimidas do que a ação de um partido disputando poder dentro do sistema elaborado na lógica da democracia burguesa.

O sistema capitalista só pode permitir um jogo de "morde e assopra" que promove avanços e recuos simulando um suposto progresso. Visto de forma crítica e radical, este progresso se mostra um grande engodo destinado a amortecer os processos revolucionários.

Enquanto o povo é ludibriado por uma ineficaz participação política que ocorre de quatro em quatro anos, o jogo de "morde e assopra" permanece ininterruptamente sem que a exploração das classes oprimidas deixe de existir. O sofrimento do povo se torná

discurso para angariar a popularidade pelos mais variados partidos e interesses.

No caminho desta reflexão acerca da diferença entre anarquistas, a democracia burguesa e o papel do Estado para se manter como instituição, o meu "faça você mesmo" promoveu a seguinte reflexão ainda na 2ª edição do zine "Punks em Luta"



**O PAPEL DAS RELIGIÕES NA
HISTÓRIA DA HUMANIDADE**

Fig. 4: Capa do zine O Papel das Religiões na História da humanidade.
Fonte: acervo pessoal.

"O Estado também promove a construção de presídios e de uma justiça que só criminaliza negros e pobres, para tornar estas instituições, vetores de produção da violência urbana. Isso cria uma insegurança generalizada e faz com que a população fique cada vez mais dependente de um Estado e de um sistema judiciário que se pinta como solução, mas que na verdade, é o problema" (PUNKS EM LUTA, 2020, p. 02)

Ao entender como o Estado funciona, compreende-se que um de seus mecanismos de produção, justificativa e manutenção do poder, corresponde à violência urbana. Esta é produzida pela existência do Estado, entretanto, a autoria é atribuída a outros atores sociais através de jornais e programas pseudo-jornalísticos que criam uma espetacularização da violência sempre pintando um alvo nas costas dos pobres e demais grupos periféricos.

Por intermédio da visão anarcopunk construída sobre a realidade da instituição estatal, não podemos fazer apologia nem ao Estado, nem ao seu sistema de manutenção, a saber o "sufrágio universal" da democracia burguesa. Por isso somos mal compreendidos

por esquerdistas partidários do voto e amantes da existência do Estado. De forma contrária aos amantes do Estado, o pensamento revolucionário dos anarcopunks é ingovernável.

No que concerne ao sistema capitalista e seus mecanismos de controle e propaganda, a crítica anarcopunk não se limita apenas ao Estado, mas se entende para o papel das religiões. E esta crítica também foi abordada em muitos de meus panfletos, zines e músicas.

Do mesmo jeito em que o Estado cria suas próprias leis, possui os juizes que as julgam e o poder coercitivo que faz com que elas sejam cumpridas, esta instituição possui uma boa parte da mídia que molda a opinião pública, tanto de forma direta quanto indireta. Atuando do mesmo jeito que a mídia, a religião exerce a ação de moldar uma parte do seu público para que este respeite e mantenha a existência do Estado.

No caso da religião ligada às classes dominantes, como é o caso das igrejas católicas e evangélicas, para além da manutenção do Estado, temos a busca pelo fortalecimento um Estado de direita altamente intolerante contra as religiões de matrizes africanas e que

implanta a política de extermínio de grupos politicamente minoritários, como o são os LGBTs.

Considerando este papel destinado às religiões, produzi o Zine "O papel das religiões na história da humanidade". Neste exemplo de "faça você mesmo", desenvolvi as imagens e os textos do zine. O objetivo era o de fazer uma Ação Direta de combate ao poder exercido pelas religiões na manutenção de um Estado profundamente nocivo como o produzido na atualidade pelo governo Bolsonaro, seus apoiadores e a lógica *terrivelmente evangélicos* dos representantes religiosos que estão no congresso nacional.

No zine apresento, resumidamente, como se deu a atuação das religiões na história da humanidade, e qual a ligação delas com a tirania de alguns governos.

**Contudo, ontem e hoje, a grande importância da religião encontra-se em sua principal característica: todas as religiões são instrumentos de controle. Homens e mulheres, livres e escravizados, negros e brancos, e principalmente, os pobres, foram historicamente controlados em prol dos*

opressores e do Estado. Com isso, o poder de transformação social do povo foi neutralizado, a partir da ideia de que os pobres devem sofrer nesta vida para serem recompensados em outra" (O PAPEL DAS RELIGIÕES NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE, 2019, p. 04)

Na obra "Deus e o Estado", Bakunin é categórico em suas afirmações e reflexões sobre o problema da união entre o Estado e a religião. Para o filósofo, se quisermos de fato combater o poder e as injustiças sociais promovidas pelos seus detentores, é necessário fazer oposição à união histórica e nociva entre essas duas instituições.

Bakunin, analisando criticamente a bíblia cristã, apresenta os primeiros capítulos como sendo metaforicamente a tirania de um ser poderoso capaz de proibir para os seres humanos a busca pelo conhecimento, para que os seres humanos não se iguallassem ao ser divino.

Quando há a quebra da lei inicial, e os seres humanos passam a adquirir a sabedoria, estes são expulsos do paraíso como punição.

Para o anarquista, esta visão demoniza, através da noção de pecado original, a

sabedoria e a emancipação dos povos oprimidos.

Nesse sentido, a história das religiões teria sido a história da cooperação das classes abastadas para o amortecimento da revolta popular contra a exploração. Contudo, levantando tal visão anarquista, o zine em questão, junto com os outros zines da série "Punks em Luta", configura-se como uma das ferramentas anarcopunks que atuam na direção do desenvolvimento de um Trabalho de Base voltado para a produção e disseminação do conhecimento anarquista.

Acredito que não adianta ser apenas contra o Estado, ou contra as tiranias de origem religiosa e de classe, se este posicionamento não vier acompanhado de um ativismo constante e fecundo em sociedade.

Ser anarcopunk é atuar no Trabalho de Base, promover o Apoio Mútuo, e viver em nosso cotidiano a Ação Direta que nos é proporcionada pela nossa ideia de "faça você mesmo".

Pará, 2021

Colagem De Rua Para Matilha 167 - Qaza de Kultura Anarcopunk

Bizarro Zangado



Do It
Yourself (DI.Y)
ou simplesmente
Faça Você
Mesmo! ação de
produzir aquilo
que supra suas
necessidades por

si mesmo, sem esperar nada da família ou do Estado. O termo não é novo e, com certeza não foi cunhado por punks, assim como o termo fannine. Porém, tanto um quanto outro ganharam uma nova acepção de grande

repercussão no meio punk, tornando-se parte integrante desta subcultura



É a partir desta premissa que as ações que desenvolvo se baseiam para gritar contra as opressões, buscando acima de tudo autonomia no fazer e no agir pelas ruas ou mesmo em textos ou sons produzidos dentro da matilha67, nossa gaze de kultura anarcopunk, espaço de autogestão e que

sobrevive através do seu próprio fazer cotidiano que produz ações dos mais variados gêneros. Meu intuito com este texto é desenvolver um breve relato de experiência, relativa a ação de rua que foi nomeada de Cartazes AntiOpressão e que consistiu na elaboração de cartazes que foram produzidos e colados nas paredes do bairro onde a nossa

matilha está localizada e que aconteceram simultaneamente nos dois dias de propaganda anarquista que ocorreram no mês de outubro de 2021



A ideia destes cartazes é que deveriam ter sido feitos e colados de forma a integrar uma ação coletiva. No entanto, como ninguém apareceu, acabou utilizando a ideia do faça você mesmo e os produzi. No início com o objetivo de serem feitas ações no 7 de setembro, mas como não conseguiu este feito, saíram nos dois dias de propaganda anarquista. Seguem juntamente a esse relato algumas imagens desta ação de rua independente que acabou sendo realizada por minha companheira, Erika, pela cadelinha Dorinha e eu.

A colagem social de rua, intitulada 8 Cartazes AntiOpressão, foi originalmente pensada para ser uma série de 7 cartazes que sairiam no 7 de setembro numa ação antimilitarista. No entanto, ela acabou se ampliando e culminou na produção de 8 cartazes, acrescidos de mais 1 cartaz cedido por um anarcopunk (Dan) com quem constantemente trocamos correspondência e que denominei de Cartazes AntiOpressão, entendendo que a luta antimilitarista e outras como a pró liberdade animal englobam lutas contra a opressão que o nosso podre sistema imprime contra todos os seres deste planeta, incluindo a si mesmos.



Há nos cartazes uma força movente e a intenção de se expressar contra toda forma de opressão. Anarcopunks de todo planeta utilizam-nos em suas belas ações diretas. Estes cartazes integraram o segundo dia de propaganda anarquista e anarcopunk que ocorreu nos dias 9 e

10 de outubro de 2021. Portanto, essa série foi criada e produzida de forma autônoma, no melhor esforço DIY, ou seja, no faça você mesmo com o que tínhamos em mãos e na cabeça, que sempre resulta na melhor experiência.



Como o texto acima expõe os cartazes que foram produzidos autonomamente e integraram os dois dias de propaganda anarquista que há época aconteceram no Brasil. Esta ação foi realizada apenas por duas pessoas e uma cadelinha e procurou cobrir espaços geralmente abandonados do bairro que vivemos

atualmente, o bairro da Campina que faz parte do chamado Centro-Histórico. Mas por ter sido o bairro que abrigava a Zona do Meretrício, atravessou mais de 4 séculos recebendo a carga do preconceito e da estigmatização social, praticada até os dias de hoje na nossa podre cidade das mangueiras e da hipocrisia.

Nesta ação está implícito o desejo de se expandir, não apenas a reflexão sobre a nossa

condição deplorável de vida, mas também, tem a intenção clara de incitar ações contra todo tipo de opressão sofrida por pessoas e animais neste país que atualmente possui uma clara face fascista e que pratica ostensivamente uma neopolítica sobre a sua população pobre e animais, principalmente os que vivem em condições de rua.



Esta colagem social de rua é parte integrante das atividades da Matilha 187, que é um espaço autogestionário de moradia, biblioteca, dystro y sebo. Não somos uma ocupação, pois temos que pagar aluguel, outras contas e além das despesas com a manutenção da casa.

Para sobrevivermos, então contamos com a Elephante Punk Dystro y Sebo de onde tiramos nossos subsídios para nos mantermos e a nossos projetos,

Temos também uma pequena biblioteca de orientação anarcopunk/libertária que denominamos de Biblioteca Rayachol, por acreditarmos que nossos livros, zines, discos e

outros materiais são tão revolucionários e explosivos quanto as bombas anárquicas deste revoltado anarquista francês.

Portanto, vivemos aqui neste espaço que é nossa matilha com nosso amigo Albini, o gato amarelo. Vivemos por conta própria e todos os recursos que conseguimos são revestidos a manutenção do espaço e seus projetos. Evidentemente passamos muitas dificuldades, mas não existe outra maneira neste mundo de capitalismo selvagem e devastador, ainda assim, seguimos firme em nossas convicções anarcopunk, procurando sempre contribuir de forma livre e autônoma para a libertação de toda forma de opressão em nossas vidas.

As imagens distribuídas no texto são uma pequena mostra dos 8 cartazes que utilizamos nas colagens, mais um cartaz adicional que nos foi enviado pelo compa Dan da cidade de João Pessoa. Esperamos de todo nosso coração que este pequeno texto possa ajudar a outros a fazerem o mesmo e que possam também se manterem firmes na luta contra toda forma de opressão e poder.

Email: seboelefantebranco@gmail.com

a.o cão, bizarro zangado, klakso lunis e cão da meia noite

Pará, 2021

ANARCO PUNK É O FAÇA VOCÊ MESMO.

Avies

Começo esse texto fazendo eu mesmo e gritando que foi UMA DAS melhores coisas que o Punk pegou pra si, foi o D.I.Y (faça você mesmo). Isso fez com que a movida se espalhasse como rastilho de pólvora. Me fez ser eu mesmo, me fez produzir meus zines e meus rabiscos, me fez participar de bandas, me fez anarquista, me fez ser punk. Lembro até hoje, sempre quis montar uma banda, mas foi quando escutei de uma banda. Quer montar uma banda? Monte! Faça você mesmo não espera por ninguém. Porra isso entrou dentro de mim como uma bomba. Hoje toco na banda LIVE(O)E.

(LusArá - Nós mesmos decidiremos como, quando e onde, sem esperar por nada ou por ninguém. Então, nós pensamos que esta é uma ótima oportunidade para mostrar, através destas rupturas, nossas próprias práticas e palavras, em rejeição aos esquerdistas e aos cidadãos de bem, pessoas que mais uma vez

armaráo seu espetáculo para tentar transformar os protestos numa festa pacífica de democracia. Nós queremos esclarecer que nós não apoiamos a este chamado porque queremos "um mundo melhor", muito menos um governo "mais justo", leis "mais humanitárias" ou um Estado "melhor" e "menos corrupto". A Merda todos esses valores cristãos e filantrópicos!)



ANARCONOISECORE IS PROTEST

PUTOSSIA ANARCOPUNK / Avles - SP

Na floresta
Na flor resta
Na flor
Na flor de arame farpado
Na flor de rebite
Na flor do lixo
Na flor Punk
Na flor Moicano
No jardim urbano
Urbano jardim
Na anarquia do existir
No faça você mesmo
Na anarquia do sugerir
No panfleto anti-racista
Na briga contra o poder
Na anarquia da equidade
Na luta contra os skinheads
No zine que produz
Na jaqueta que conspira
Na anarquia de combate
Na camiseta que expressa
Na banda que toca
Na anarquia coletiva
No coletivo que participa
No amar livre
Na puta que escreve
Na anarquia que vive
No conhecimento que procura
No livro que lê

Na pichação que semeia

Nos cartazes que colam
Na anarquia Punk
Eis que surge...
No meio do concreto
No canto do lixo
Na luta contra xs de cima
Eis que surge...
A flor AnarcoFunk

São Paulo, 2021

CONVERSA DE POINT: A GENTE APRENDE A FAZER FAZENDO

Maurício Remígio

No ano de 2022, tive a oportunidade de participar de uma ação chamada "Conversa de Point" que se desenrolou em três cidades do Brasil Natal - RN, Campina Grande - PB e Belém - PA. A ideia era simples: reunir pessoas nos points punks locais para dialogar sobre os saberes gerados no movimento anarcopunk, com foco no tema "a gente aprende a fazer fazendo". Sem grandes estruturas ou planejamentos complexos, o objetivo era criar um espaço aberto, onde a conversa fluísse livremente, sendo alimentada pelas contribuições de quem estivesse presente. Exatamente como acontece nos dias de point. A experiência foi mais que uma troca de ideias, foi uma vivência que expandiu nossas percepções sobre o que significa o "faça você mesmo" e como ele se manifesta na prática nas nossas relações no movimento punk e fora dele. Logo no primeiro encontro, em Natal, percebi que essa iniciativa tinha um imenso potencial. Cheguei ao point com a expectativa de iniciar a conversa, mas a verdade é que a coisa logo

tomou vida própria. Havia um número interessante de punks e simpatizantes interessados no tema e, rapidamente, a conversa se alastrou, envolvendo todos que estavam por ali. A troca de ideias foi intensa, sem qualquer formalidade. O interessante é que as conversas não seguiam um roteiro predefinido; eram guiadas pelo interesse genuíno das pessoas em compartilhar e aprender com as experiências difundidas no meio punk. Quando o point começava a esvair, ainda restavam alguns que ficavam fazendo seus relatos, discutindo, refletindo e ampliando os temas tratados. Esse ciclo se repetiu em Campina Grande e Belém, cada cidade trazendo suas próprias especificidades, mas mantendo o mesmo espírito coletivo próprio de um point punk.

O "faça você mesmo" foi o grande eixo das discussões, sempre acompanhado de uma profunda reflexão sobre como essa prática transcende a simples ideia de produção individual. Para nós, o "faça você mesmo" no contexto anarcopunk é uma prática política cotidiana. Não se trata apenas de criar coisas com as próprias mãos, mas de construir maneiras autônomas de viver e resistir. Durante as conversas, foi recorrente a percepção de que essa prática está diretamente ligada à contestação do estabelecido: ela é um

ato de resistência ao autoritarismo e às hierarquias que fundam a sociedade. Ao rejeitar a centralização do poder e a delegação de saberes a especialistas, os punks criam suas próprias redes de solidariedade e apoio mútuo, onde o conhecimento circula de maneira horizontal e autogerida. A inadequação que o movimento punk sente em relação às normas sociais dominantes se reflete no seu fazer: na música, nas artesanias e nas relações cotidianas. O faça você mesmo também está ligado a invenção de outras relações com o mundo.

Uma coisa que ficou clara em todas as cidades é que o "faça você mesmo" não se limita à produção material ou à criação estética. Ele é, na verdade, um exercício contínuo de autonomia. Nas nossas conversas, discutimos como essa prática desloca a política do campo da representação e a traz para o cotidiano, para as relações interpessoais e para as ações do dia a dia. Esse fazer coletivo e individual, sem mediação institucional, instiga o experimento, a invenção e a liberdade de criação. Nas ruas, nas praças, nos points punks, construímos nossas próprias formas de agir e pensar, sempre baseadas na autonomia e na autogestão. Isso, por si só, já é uma forma de contestação ao sistema. O punk não pede

permissão, ele simplesmente faz e aprende com esse fazer.

O "faça você mesmo", a partir das reflexões que tivemos nas "Conversas de Point", foi reconhecido como um poder pessoal que vai muito além das ações individuais. Ele nos ensina que só se aprende a fazer, fazendo, que os saberes são consequências das práticas individuais e coletivas e do experimento - e isso é algo que se opõe diretamente às formas hierarquizadas de saber, onde o conhecimento é medido e validado por instituições e especialistas. No punk, o saber é coletivo, partilhado e construído na ação. Isso ficou claro quando discutimos o papel do autodidatismo no movimento anarcopunk: a ideia de que o saber não está confinado a livros ou salas de aula, mas circula livremente entre aqueles que estão dispostos a experimentar. Em cada cidade, a experiência foi única, e os aprendizados diversos. Saímos de cada conversa com a clareza de que o "faça você mesmo" é, ao mesmo tempo, um ato político e um modo de vida. Ele subverte as relações de poder, contestando o autoritarismo e as estruturas de dominação, enquanto cotidiana a política nas pequenas ações de dia a dia. É a prática do punk em sua forma mais pura, onde o saber não é monopolizado, mas compartilhado, e onde cada

um, com suas próprias mãos, constrói o mundo que deseja habitar. Ao final de cada encontro, mesmo quando o point esvaziava, permanecia em nós o sentimento de que o "faça você mesmo" não termina quando a conversa acaba. Ele continua em cada ação que realizamos, em cada troca de saberes, em cada gesto de autonomia.

Essas conversas de point, aparentemente simples, foram na verdade um laboratório de ideias e práticas anarcopunks. Mostraram que, enquanto continuarmos fazendo, continuaremos resistindo - e é nessa teimosia, nesse impulso de não aceitar o que nos é imposto, que reside a verdadeira essência do punk. Porque, no final das contas, a gente aprende mesmo é fazendo.

Amapá - 2023

MONSTRO DOS MARES

